

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

A DEPENDÊNCIA QUÍMICA SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Camila Zamboni Oliveira (DPI, UEM) Melline Ortega Faggion (DPI, UEM); Naiara Bruna Mello Machado (DPI; UEM); Rhuana Ramos dos Santos Marques (DPI, UEM); Aline Santti Valentim (DPI, UEM/ Orientadora); Renata Heller de Moura (DPI, UEM/ Co-orientadora).

contato: camila-zamboni@hotmail.com
mellinee@hotmail.com

Palavras-chave: Histórico-cultural. Dependência química. Fenômeno psicológico.

Um olhar voltado para a história nos revela que o homem sempre fez uso de substâncias psicoativas, por vezes com esporádico associado a várias práticas religiosas, terapêuticas e de socialização. Entretanto, nem sempre a experiência do uso de drogas tem apenas um caráter esporádico, em muitos casos existe a evolução para a dependência química.

A dependência química é entendida atualmente como uma doença, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde). Para a concepção biologista a doença é de aspecto essencialmente orgânico e as intervenções terapêuticas devem ser realizadas apenas com objetivos curativos e remediativos. (MOURA, 2007). Vários estudos explicam essa dependência através de uma visão biologicista de homem, segundo a qual a dependência química esta associada ao organismo e o tratamento por vezes é medicamentoso e curativista.

Se contrapondo a concepção histórica e social de homem, a teoria biologista não considera o ambiente como um fator que terá a maior participação na constituição do indivíduo, mas sim suas características biológicas, genéticas e hereditárias. Sendo assim, no que tange a dependência química, os tratamentos para a teoria biologista se embasam principalmente na intervenção sobre o âmbito orgânico do homem, enfatizando o uso, por exemplo, de medicamentos.

A teoria histórico-cultural compreende que o homem se constitui como ser social e histórico. Sendo assim, a relação do indivíduo com o mundo está sujeita às multideterminações do contexto histórico no qual ele está inserido. Este meio em que se encontra influencia a constituição de sua subjetividade. Neste sentido, compreender o fenômeno psicológico da dependência química com base nos pressupostos da teoria histórico-cultural possibilita refletir sobre esse contexto social que produz e mantém o homem dependente.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

Levando em consideração a dependência como um fator histórico, buscou-se neste estudo uma inter-relação entre o fenômeno e a teoria. Desta forma, o objetivo foi elucidar a compreensão do fenômeno psicológico da dependência química, com base nos pressupostos da teoria histórico-cultural.

A dependência química vem preocupando profissionais de diversas áreas, principalmente porque o uso de drogas está geralmente acompanhado por problemas como: violência, criminalidade, acidente de trânsito, entre outros. Devido a essa preocupação foram e ainda são realizadas diversas pesquisas relacionadas a essa temática (dependência química) relacionada a teoria histórico-cultural. Porém, ao fazer o uso das bases de dados Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), Scielo, Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e LILACS, utilizando os descritores: psicologia histórico-cultural, dependência química, materialismo histórico-dialético e farmacodependência. Foram encontrados 32 artigos nas buscas realizadas nas bases através dos descritores citados.

Foram escolhidos 4 artigos, pois, os outros artigos não apresentavam uma reflexão sobre o fenômeno da dependência química baseada na perspectiva histórico-cultural. A seguir, foram realizadas a leitura, o fichamento e o resumo de ambos. Por fim, foi realizada uma reflexão sobre os materiais encontrados sobre a dependência, juntamente com o livro de Newton Duarte, produzido no ano de 1993, intitulado *A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*.

Segundo Olievenstein (1980 apud OLIVEIRA, 2009), o uso de substâncias psicoativas devem ser analisadas tanto no âmbito individual, quanto no âmbito social. É necessário tomar a perspectiva biopsicossocial relacionada a este uso porque os efeitos que estas substâncias exercem no indivíduo não dependem apenas de suas propriedades farmacológicas, mas também dos contextos em que se formam as necessidades individuais, as épocas históricas e as diversas culturas em que são utilizadas.

Deste modo o uso de drogas nas diversas sociedades só pode ser entendido se levado em consideração às múltiplas funções de seu uso, contextualizar os fatores culturais, sociais, políticos, econômicos e subjetivos é imprescindível, visto que uma abordagem unidimensional da dependência química é insuficiente para a compreensão de tal fenômeno. Portanto, reconhecer a função do uso de drogas tanto para o sujeito quanto para a sociedade se faz necessário na medida em que as drogas assumem significações na vida subjetiva do indivíduo e no âmbito da convivência e dos conflitos sociais.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

Partindo deste contexto, Oliveira (2009) defende que, o uso de substâncias psicoativas aumentou devido ao sistema de produção capitalista, e que essa prática é um sintoma social, e esse sintoma, envolve uso (aceitação social) e tráfico (ascensão social), não representa somente o uso da substância em si. Outro sintoma social que pode ser identificado é o tráfico de drogas, que diversas vezes atrai pessoas excluídas do mercado de trabalho. O tráfico muitas vezes possibilita inserção social e o sustento da família.

A dependência química acaba assumindo uma característica de necessidade qualitativamente nova, ou seja, acaba sendo uma necessidade “criada” pelo próprio sistema vigente. Assim, “a individualidade se constitui, nesse contexto histórico, apenas na medida em que se identifique com as condições objetivas dadas” (DUARTE, 2009, p. 165). O capitalismo, ao surgir, destrói a unidade natural entre o indivíduo, a comunidade e as condições objetivas de produção. Oliveira (2009) compartilha desta concepção afirmando que o uso de substâncias psicoativas aumentaram e são sintomas do modo de produção vigente, e que a sociedade de consumo fomenta nos consumidores um estado permanente de expectativa (LOPOVETSKY, 2004 apud OLIVEIRA 2009).

O sistema capitalista é um modo de produção que cria necessidades de consumo no indivíduo, no entanto não fornece condições de atender tais necessidades, portanto o indivíduo tenta buscar formas de satisfazer essas necessidades, mas essa satisfação não se dá por completo, ela é momentânea, isto é, o indivíduo necessita se manter em constante consumo.

A mercadoria, por fim, se torna a nova forma de produção e consumo, tudo que puder ser tornado mercadoria assim será até mesmo o próprio homem. A classe dominante passa a criar novas mercadorias, incentivando o comércio e o consumo. É importante ressaltar que as drogas assumem papel de mercadoria no sistema capitalista, assim, é necessário que haja o consumo desta, mesmo que esse consumo cause consequências para a sociedade, afinal o que se visa dentro desse sistema financeiro é o lucro e/ou tudo aquilo que esteja relacionado a uma atividade lucrativa. Desse modo, a indústria é quem determina as necessidades humanas (MORAES, 2011).

Partindo da reflexão acima, conclui-se então que as drogas podem assumir dois papéis na sociedade, em primeira instância é uma mercadoria por ser um produto de consumo e gerar lucro, ao mesmo tempo é um recurso para lidar com a exclusão que o sistema capitalista

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

provoca, ou seja, essas substâncias psicoativas serviriam como um mediador entre as relações sociais.

Referências

DUARTE, N. **A individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 1993.

MORAES, R. J. S. - **O Alcoolismo e o Alcoolista no Capitalismo**: a Psicologia Histórico-Cultural na defesa da historicidade para o enfrentamento do problema. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

MOURA, R. H. A concepção de “homem” na Psicologia Histórico-Cultural e o compromisso social do psicólogo no Programa Saúde da Família (PSF). Em: **Anais do III Congresso Internacional de Psicologia e IX Semana de Psicologia**. Maringá, UEM, 2007. Disponível em: www.cipsi.uem.br/anais2007/trabalhos/getdoc.php?tid=15. Acessado em: 25 de out. de 2012.

OLIVEIRA, M. G. P. N. – **Consultório de rua**: relato de uma experiência. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia/ Instituto de Saúde Coletiva, Salvador, 2009.